

CHINA

RESUMO

O país mais populoso do planeta vive em constante transição: seu mais de um bilhão de habitantes há décadas se movimenta entre as tradições e princípios dos antepassados e os desafios do futuro. Se avançou em muitos aspectos, em dezenas de outros pontos a sociedade chinesa continua bastante parecida à que viu Mao Tsé-tung assumir o poder há mais de meio século.

Palavras-chave: Economia; cultura; exportação.

1 INTRODUÇÃO

A China é uma antiga unidade histórica, cultural e geográfica na parte continental do leste da Ásia, incluindo algumas ilhas que desde 1949 foram divididas entre a República Popular da China (que inclui a China Continental, Hong Kong e Macau) e a República da China (que inclui Taiwan e algumas ilhas da Província Fujian).

A palavra China costuma referir-se a regiões que, em termos mais específicos não fazem parte dela, como é o caso da Manchúria, da Mongólia Interior, o Tibete e Xinjiang. Nos meios de comunicação ocidentais, “China” refere-se, normalmente, à “República Popular da China”, enquanto que “Taiwan” se refere à “República da China”. Muitas vezes, em termos informais, especialmente entre chineses e ingleses (no contexto do mundo dos negócios), “a Grande região da China” refere-se ao sentido mais lato, tal como foi apresentado no parágrafo anterior.

Na sua história, as capitais da China situavam-se, essencialmente, no leste. As quatro capitais mais citadas são Nanjing, Beijing (Pequim), Xian, e Luoyang. As línguas oficiais foram mudando ao longo da sua extensa história, (incluindo línguas entretanto desaparecidas), incluindo o Mongol, o Manchu e os vários dialetos do Chinês, entre os quais o Mandarim e o Cantonês.

2 HISTÓRIA DA CHINA

A China aparece desde cedo na história das civilizações humanas a organizar-se enquanto nação (ainda que a identidade nacional chinesa seja complexa), demonstrando um pioneirismo notável em áreas como a arte e a ciência, ultrapassando largamente, na altura, o resto do mundo. Em cerca de 1000 A.C., a China consistia num conjunto complexo e intrincado de reinos de pequenas

dimensões. Em 221 A.C., todos estes reinos foram anexados ao estado Qin, dando início à Dinastia Qin.

Na história da China, ao longo dos séculos, num movimento pendular, verificamos períodos de união e de desunião. No século XVIII, a China experimentou um progresso tecnológico acentuado, em relação aos outros povos da Ásia Central, ainda que tivesse perdido terreno se comparada à Europa. Os acontecimentos do século XIX, em que a China tomou uma postura defensiva em relação ao imperialismo europeu ao mesmo tempo que estendia o seu domínio sobre a Ásia Central, podem ser explicados sob este ponto de vista.

No início do século XX, o papel desempenhado pelo Imperador da China desapareceu em 1912, com a proclamação da república por Sun Yat-sen, e posteriormente com a China a entrar num período de desagregação devido à Guerra Civil Chinesa. Atualmente há duas regiões que reclamam, formalmente, para si o nome de China: a República Popular da China e o Governo pré-revolucionário da República da China, que administra Taiwan e várias pequenas ilhas de Fujian.

3 POLÍTICA DA CHINA

Depois da unificação sob o Império Qin, a China foi dominada por mais 13 dinastias, muitas das quais comportavam um complexo sistema de reinos, principados, ducados, condados e marquisesados. Contudo, o poder era centralizado na figura do Imperador. Este era ainda coadjuvado por ministros civis e militares e, principalmente, por um primeiro-ministro. Aconteceu, por vezes, o poder político ser tomado por oficiais (eunucos), ou familiares. As relações políticas com regiões dependentes do império (reinos tributários) eram mantidas à base de casamentos, coligações militares e ofertas. Atualmente, a China é governada pelo Partido Comunista Chinês, que realizou a planificação econômica chinesa, fundado por Mao Tsé-tung.

Em 1º de outubro de 1949, Mao Tsé-tung apareceu vitorioso na praça da Paz Celestial para decretar a vitória de sua revolução comunista: "O povo chinês enfim se levantou". A criação da República Popular da China encerrava mais de um século de conflitos internos e invasões por forças estrangeiras, decretando o nascimento do que Mao chamava de "uma nova China". Mais de 50 anos depois, a peça central da terceira geração de líderes, o presidente Jiang Zemin, discursava no congresso do Partido Comunista da China, entregando à quarta geração de comandantes do país mais populoso do mundo o poder e um desafio: sustentar o espantoso crescimento conquistado desde a abertura da economia e, ao mesmo tempo, manter vivos os princípios defendidos pelo camarada Mao em seu discurso de meio século antes.

No congresso da transição de poder, realizado em novembro de 2002, Jiang anunciou que o partido passaria a aceitar ricos capitalistas em suas fileiras, mas rejeitou qualquer mudança no sistema político do país, como a adoção de uma democracia pluripartidária. Diante de 2.114 delegados do partido reunidos no Grande Salão do Povo, o presidente discursou por 90 minutos, divulgando um documento de 98 páginas com as novas diretrizes políticas do país.

3.1 Sem democracia - A aproximação com os capitalistas foi justificada por Jiang pela necessidade de adaptar a China aos novos tempos. "Nós devemos avançar, ou ficaremos para trás", defendeu. "Precisamos admitir no partido elementos das altas camadas que aceitam o programa do partido. Desta forma, nós poderemos aumentar a influência e a força de nosso partido entre a sociedade civil."

As metas estabelecidas por Jiang incluíam novas reformas no mercado de trabalho e nas políticas econômicas do país, além do crescimento da economia em até quatro vezes até 2020. O líder chinês ressaltou que, apesar da adoção de doutrinas capitalistas, o país "jamais deve copiar os modelos políticos do Ocidente", descartando qualquer mudança em direção à democracia ampla e irrestrita.

No mesmo encontro, o vice-presidente do Partido Comunista, Hu Jintao, então com 59 anos, foi eleito o futuro líder. Pela primeira vez desde a criação do partido, em 1949, a transição de poder foi pacífica e ordeira, conduzida pelo atual presidente e aceita pelos delegados durante a cerimônia de encerramento de seu congresso. Se depender de Jiang, contudo, a histórica reforma nos cargos do governo não deverá afetar o poder do Partido Comunista - pelo contrário, pois ele deseja fortalecer ainda mais o sistema de governo do país. "Precisamos reforçar a liderança do partido e consolidar e melhorar o sistema", alertou aos delegados.

3.2 Os dilemas da transição - As preocupações de Jiang eram justificadas. A transição política na China foi lançada num momento em que os líderes do país enfrentavam desafios inéditos - e as perguntas mais importantes só serão respondidas dentro de anos ou mesmo décadas. O atual sistema político pode se sustentar em paz e prosperidade por mais meio século? Como mantê-lo vivo num tempo em que os raros regimes comunistas que ainda vigoram no mundo estão aos farrapos? E mais: que papel o país deve cumprir numa comunidade internacional cada vez mais envolvida em choques de interesse?

De acordo com os analistas políticos do próprio Oriente, a China não escapará destas perguntas no decorrer da primeira metade do século XXI. Desde que Deng Xiaoping lançou as reformas econômicas há mais de duas décadas, o PIB chinês se expandiu num ritmo assombroso,

mas junto com o dinheiro veio o crescente abismo social entre ricos e pobres - algo que jamais fora visto pelas atuais gerações de chineses. Com as previsões de que o crescimento continuará em níveis altíssimos, a tendência para as próximas décadas é, curiosamente, de inquietação política crescente.

"A China hoje está dividida entre ricos e pobres", observou o analista político Wang Chan, no aniversário de 50 anos da revolução. "As pessoas que passam para a oposição são os doentes, os velhos, os desempregados, os derrotados. No futuro, isso se agravará." Se o Partido Comunista da China, com seus novos líderes da quarta geração e sua lealdade à velha cartilha de 1949, não oferecer caminhos para quem saiu perdendo no novo jogo econômico, cada vez mais gente buscará alternativas fora dos palácios da Praça da Paz Celestial.

4 ECONOMIA DA CHINA

Desde a fundação da nova China em 1949, a economia chinesa vem se desenvolvendo relativamente rápido. Especialmente desde 1978, ano em que começou a reforma e abertura na China, a economia chinesa vem mantendo um ritmo de crescimento de 9% ao ano. De 1998 em diante, o Governo apostou na reestruturação das empresas estatais, com o virtual abandono das menos rentáveis, resultando em forte impacto no nível de desemprego e seguridade social. Em 2003, o PIB da China atingiu US\$ 1,4 trilhão, ficando assim no sexto lugar do mundo, depois dos EUA, Japão, Alemanha, Inglaterra e França. Até fins de 2003, o PIB per cápita da China ultrapassou a casa de 1000 dólares. Agora, a China encontra-se numa boa fase tanto de investimento como de consumo interno. Em 2003, o investimento no capital fixo da China atingiu RMB\$ 5,5 trilhões, enquanto o valor global de vendas a varejo atingiu RMB\$ 4,6 trilhões, o valor total de comércio com o exterior, US\$ 850 bilhões, superando o da Inglaterra e a França e ocupando o 4º lugar do mundo apenas depois dos EUA, Alemanha e Japão. Até fins de 2003, a reserva de divisas da China ultrapassou US\$ 400 bilhões, ficando no 2º lugar do mundo, depois do Japão. Depois de 20 anos da reforma e da construção de modernização, a China passou de sua economia planificada para uma economia de mercado socialista, tendo melhorado o sistema econômico. Paralelamente a isso, a área jurídica também vem sendo aperfeiçoada com maior abertura, com o que o ambiente para o investimento melhorou também, o sistema financeiro está numa fase de reforma constante. Tudo isso oferece fundamentos para maior desenvolvimento econômico da China. Depois de entrar no novo século, temos formulado a concepção de desenvolvimento harmonioso entre diversas áreas, tais como entre homem e natureza, homem e sociedade, zonas urbanas e rurais, entre oeste e leste e entre a economia e a sociedade. Em 2002, o 16º congresso do Partido Comunista da China tem formulado a meta de construir a sociedade modestamente confortável em todas as áreas até o ano 2020.

O modelo de desenvolvimento chinês é um híbrido onde a mão invisível do mercado é complementada pela mão bem visível do Estado, combinando altas taxas de investimento (sobretudo doméstico, com atração de capital estrangeiro para setores estratégicos), industrialização intensiva e forte vocação exportadora. Embora muito bem sucedido em termos de crescimento, requererá correções destinadas a enfrentar as disparidades crescentes entre a população urbana que prospera e as áreas rurais do interior, ainda muito pobres. Além desse foco potencial de instabilidade social e política, a liderança política deverá enfrentar a dilapidação do meio ambiente e o imperativo do uso mais racional de energia e outros recursos naturais - três temas centrais no novo Programa Quinquenal 2006-2010, aprovado em março de 2006.

5 IDIOMAS

Os idiomas falados na China provêm de quatro troncos: o sino-tibetano, o altaico, o indo-europeu e o austro-asiático. O idioma oficial, falado pela maioria da população, é o chinês, da família sino-tibetana, que apresenta diferentes dialetos regionais, embora todos utilizem a mesma escrita. Embora sua escrita (caracteres ideográficos) seja universal, a pronúncia varia segundo a região e existem oito dialetos ininteligíveis entre si, à maioria deles usada na faixa costeira do sul. A partir da década de 1950 o governo favoreceu o dialeto do norte, o mandarim ou pequinês, adotado nas escolas.

Em 1979, a pedido do governo da República Popular da China, a imprensa de todo o mundo começou a empregar um novo sistema (o pinyin) para grafar os sons do chinês mandarim. Entre outras modificações, o pinyin, que utiliza o alfabeto romano, faz uso freqüente do x e do g, ao contrário do tradicional sistema Wade-Giles, e abole o hífen entre dois nomes personativos.

O segundo tronco lingüístico, o altaico, divide-se, na China, em dois ramos: o turco, representado pela minoria uigur, e o mongol. Os outros dois troncos lingüísticos são minoritários. O tronco indo-europeu prevalece no noroeste com os tadjiques, enquanto o austro-asiático é representado pela minoria kawa, que habita o sul do país, na fronteira com Myanmar.

6 MOEDA

A moeda da China é o Yuan, 1 yuan equivale a R\$ 0,24.

7 RECURSOS TURÍSTICOS

A China possui vasto território, belas paisagem, e a esplêndida civilização, sendo uma Nação multinacional com hábitos e costumes bem diversificados. As diversas localidades têm seus

produtos específicos e comidas de característica local que são mundialmente conhecidos. A China é dotada de ricos recursos turísticos com forte potencialidade e amplas perspectivas de desenvolvimento. À medida de constante desenvolvimento econômico e aprofundamento da abertura ao exterior, o setor de turismo se tornou num novo ponto de crescimento econômico. Atualmente, os diversos locais do país vem aumentando seus pontos turísticos, e aprimorando suas instalações infraestruturais, de modo que aumenta cada dia mais o número de visitantes estrangeiros.

A diversidade dos recursos turísticos se deve principalmente a topografias e climas muito variados. Desde o fundo do Lago de Aiding da Bacia de Turfan, localizado em 155 metros abaixo do nível do mar, até o cume mais alto do mundo, Cume de Gomolangma Everest, com uma altura de 8848,13 metros acima do nível do mar, a diferença é de 9.003 metros, o que é único no mundo. Tomando como o exemplo os recursos climáticos, a China tem claras divisões climáticas, especialmente na cordilheira Hengduanshan, é considerada como “Quatro estações numa mesma montanha, e a cada cinco quilômetros, tempo diferente”.

A China é um dos berços das civilizações mundiais, dotada de esplêndida história e cultura, e as ricas relíquias culturais constituem recursos turísticos muito valiosos. Apenas desde a fundação da Nova China em 1949, foram descobertas ruínas do período paleolítico em 29 das 34 divisões provinciais do país.

Entre numerosas relíquias culturais, guerreiros e cavalos de terracota da dinastia Qin são conhecidos como a oitava maravilha do mundo e o museu onde estão expostos estes objetos atrai anualmente centenas de turistas. Os afrescos das Grutas Mogao de Dunhuang são considerados como tesouro mundial de artes budistas. A Grande Muralha mundialmente famosa é um recanto indispensável no roteiro turístico de todos os turistas à China. Além disso, a China tem 56 etnias, cada uma dotada de suas próprias história e cultura, bem como hábitos e costumes específicos, constituindo panoramas culturais muito diversificados e encantadores.

8 CLIMA

A China possui três tipos de clima: o clima semi-árido, o equatorial e o subtropical.

9 ESTRUTURA SOCIAL

Já existiram na China mais de uma centena de grupos étnicos. Em termos numéricos, a etnia dominante é a dos Han. Ao longo da história, muitas etnias foram assimiladas às suas vizinhas ou, simplesmente, desapareceram sem deixar grandes testemunhos da sua existência. Muitas etnias distintas foram diluídas no grupo dos Han, o que explica o peso numérico desta etnia na China. Não obstante, os Han falam várias línguas muito diferentes. O governo da República Popular China reconhece 56 etnias.

10 CULTURA E RELIGIÃO

A filosofia chinesa teve um impacto extremo na cultura do seu povo, tanto a nível erudito quanto a nível popular. As raízes da filosofia (e perspectiva religiosa) chinesa estão no Confucionismo, Taoísmo e Budismo (segundo a ordem cronológica).

No território chinês podemos encontrar diversas tradições religiosas, muitas delas dissemelhantes. A veneração dos antepassados, o islão, e outras religiões populares chinesas ombreiam com outras crenças onde se misturam as correntes filosóficas atrás referidas. O cristianismo (catolicismo e protestantismo), apesar de minoritário, não deixa, por isso, de ser uma religião de referência. O governo comunista da China garante conceder a seus cidadãos total liberdade de credo e permitir qualquer prática religiosa em seu território. De acordo com os dissidentes, analistas políticos e grupos internacionais de defesa dos direitos humanos, isso não ocorre na prática: a perseguição religiosa ainda seria parte integrante da sociedade chinesa. A seita Falun Gong, que mistura idéias do budismo e taoísmo, é um dos principais alvos: desde 1999, está banida. Além disso, a tolerância religiosa dos chineses também é bastante duvidosa no Tibete: o dalai lama, líder espiritual dos budistas tibetanos, continua exilado, apesar dos apelos do mundo em seu nome.

Na China, o budismo, o islamismo, o catolicismo e o cristianismo são introduzidos dos países estrangeiros e ocupam importante posição em todo o mundo. Após a fundação da Nova China, têm se desenvolvido os intercâmbios com o exterior na área religiosa. Os contatos religiosos entre a China e o estrangeiro são muitos amplos. Como por exemplo, a China mantém frequentes intercâmbios populares na área do budismo com a Tailândia, Coreia do Sul, Japão, Birmânia, Sri-Lanka e Vietnã. Nos últimos anos, as sáriras(relíquias) foram exibidas na Tailândia, Birmânia e Sri-

Lanka. O círculo budista da Tailândia também criou um mecanismo de intercâmbio regular com o círculo budista tibetano da China.

Além disso, grupos religiosos chineses visitaram a convite, várias vezes, os países da Europa e da América do Norte, conhecendo as religiões locais e aprofundando o conhecimento dos habitantes locais sobre a religião chinesa.

A literatura chinesa tem uma antigüidade insuperável, em relação às outras civilizações. A invenção da impressão, atribuída aos chineses, não será alheia a este fato. Antes desta invenção, os Clássicos chineses e os textos religiosos (principalmente do Confucionismo, Taoísmo e Budismo) eram manuscritos a tinta, com pincéis. Com o fim de comentar e reflectir sobre estas obras, os estudantes reuniam-se em várias academias ou escolas, muitas das quais eram apoiadas pelo império. A casa imperial participava, não raramente nessas discussões filosóficas.

A cultura chinesa tem, tradicionalmente, uma grande reverência para com os filósofos, escritores e poetas clássicos. No entanto, os escritos deixados por muitos dos sábios clássicos são muitas vezes pontuados de descrições irreverentes, críticas e ousadas da vida cotidiana chinesa da sua época.

Os chineses criaram diversos instrumentos musicais, como o zheng, o xiao e o erhu, que se difundiram pelo leste e sudeste asiático. O sheng serviu de origem a muitos instrumentos de palheta livre ocidentais. Os caracteres chineses têm (e tiveram) diversas variantes e estilos ao longo da história da China, tendo sido convencionada uma forma simplificada, em meados do século XX, na China Continental.

Uma arte milenar, nascida na China, a cultura dos Bonsai foi adaptada, posteriormente por outros países asiáticos, como o Japão e a Coreia.

11 CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Para além das contribuições culturais já mencionadas, outras quatro grandes invenções chinesas na área da tecnologia marcaram profundamente a história mundial:

- Bússola
- Impressão
- Papel
- Pólvora

Algumas outras importantes invenções chinesas:

- Ábaco oriental
- Estribo
- Besta (arma)
- Leme (navegação)
- Sombrinha (Guarda-chuva, no Brasil)
- Molinete de pesca

Outras áreas científicas onde os chineses se distinguiram:

- A astrologia chinesa e as suas constelações eram usadas com fins divinatórios.
- Aplicaram conceitos matemáticos na arquitetura e na geografia. π foi calculado por Zu Chongzhi até ao sétimo dígito no século V.
- A alquimia é identificada com a química Taoísta, com bases diversas da química atual.
- Foram levados a cabo estudos de biologia extensivos e muito pormenorizados, que, ainda hoje são procurados e consultados, como as farmacopeias, género de catálogo de plantas medicinais.
- A medicina tradicional e a cirurgia foram, durante muito tempo, avançadas, havendo ainda hoje, muitos adeptos destas práticas médicas. Um exemplo conhecido é o da acupunctura. As autópsias eram consideradas sacrilégio. No entanto, houve quem violasse tal tabu, o que permitiu um mais vasto conhecimento sobre a anatomia interna humana.

Número de militares: Em torno de 2,25 milhões (O maior exército do mundo). Na China existe o hábito de comer carne de cachorro. O quilo da carne custava no segundo semestre de 2005 cerca de R\$20,00 (em reais, moeda do Brasil) e é apreciado no clima frio.

12 POPULAÇÃO

A população da China é a maior do mundo. Possui mais de 1,3 bilhões de habitantes. Com políticas rígidas para controle de natalidade, estima-se que a China seja ultrapassada populacionalmente pela Índia.

A política de controle populacional da China, tem como principal regra cada família possuir apenas 1 filho. Com isso, existe uma preferência dos pais por filhos do sexo masculino.

A seguir, a situação dos chineses em diversos setores de suas vidas neste novo século:

12.1 FAMÍLIA

Enfrentando a perspectiva de uma explosão populacional, a China implementou rígidas leis de controle de natalidade nos anos 70. A famosa lei que permitia que cada casal tivesse somente um filho aparentemente fez efeito. O índice de natalidade caiu - a população na virada do século era de 1,2 bilhão de pessoas, contra a previsão de 1,5 bilhão se não houvesse o programa. Há indícios, no entanto, de que o sucesso do controle foi obtido às custas do desrespeito aos direitos humanos - os relatos de abortos forçados e esterilizações compulsórias atraíram condenação da comunidade internacional. Surgiu também um fenômeno trágico: a multiplicação dos casos de infanticídio. Como os homens são mais valorizados por sua força de trabalho braçal nas áreas rurais, muitas meninas eram sacrificadas por causa da lei de um filho por casal.

12.2 MIGRAÇÃO E TERCEIRA IDADE

Uma das principais ameaças ao controle de população na China é o número crescente de migrantes, uma população flutuante que reúne mais de 100 milhões de pessoas em constante trânsito pelas áreas rurais. De acordo com os registros do governo, essas pessoas tendem a desrespeitar as regras de natalidade e planejamento familiar, inflando a população total e aumentando a demanda por trabalho e serviços públicos. Além disso, a expectativa de vida dos chineses dobrou desde a tomada do poder por Mao, em 1949. Na virada do século, o índice era de 70 anos em média. Com poucos nascimentos e cada vez mais idosos, a China corre o risco de, no futuro, abrigar a população mais envelhecida já vista no mundo.

12.3 DROGAS

Tema de grande importância histórica na China - no século XIX, o país lutou duas guerras contra o Ocidente por causa do ópio -, o consumo de drogas foi banido pela revolução comunista de 1949. Na época, os traficantes foram executados e os viciados, submetidos a tratamentos obrigatórios. Mas o crescimento econômico ressuscitou o acesso às substâncias proibidas - no fim da década de 90, o governo já calculava em meio milhão o número de pessoas com menos de 35 anos viciadas em drogas. O país retomou sua estratégia de dura repressão aos entorpecentes - mas é cada vez mais difícil conter o tráfico e o consumo das substâncias ilícitas.

12.4 CRIME

Na época das "comunas" de Mao, cada região tinha comitês de governo responsáveis por controlar seus cidadãos - o que mantinha os índices de criminalidade em níveis baixíssimos. A mudança na estrutura social e econômica do país permitiu o surgimento de ramificações do crime

organizado no país. Com controle governamental menos rígido e corrupção oficial cada vez maior, as atividades criminosas aumentaram nas últimas décadas, incluindo a prostituição, a pirataria de produtos, o contrabando, a extorsão, o jogo ilegal e o tráfico de drogas e armas.

12.5 DIREITOS HUMANOS

De acordo com a Anistia Internacional e vários outros grupos de defesa dos direitos humanos, a China continua ferindo as convenções globais e perseguindo de forma implacável seus dissidentes e opositores. Os prisioneiros políticos lotam o sistema penitenciário e são submetidos a tortura, cárceres precários e julgamentos sem direito a defesa. As execuções ainda são comuns e há denúncias sobre o suposto cultivo de órgãos humanos de seus prisioneiros. Há ainda campos de trabalhos forçados e alto índice de trabalho infantil. O governo nega tudo.

12.6 COMUNICAÇÃO

A imprensa chinesa é controlada com rigidez pelo governo, que também restringe a entrada de informações externas ao bloquear sinais de televisão e rádio externos e impedir o acesso a sites estrangeiros na internet. Nos últimos anos, a imprensa chinesa vem tendo liberdade para criticar a corrupção e a ineficácia de funcionários do governo e autoridades, mas a mídia jamais tem autonomia para questionar o poder do Partido Comunista. A televisão é o meio de comunicação mais popular - há mais de 1,1 bilhão de pessoas com acesso aos aparelhos -, e a internet vem ganhando espaço, apesar do controle do governo sobre sites dissidentes. Em meados de 2003, havia cerca de 68 milhões de usuários da rede no país.

13 EXPORTAÇÃO DA CHINA

Há pouco mais de duas décadas, antes da abertura decretada por Deng Xiaoping, em 1979, o Brasil situava-se bem à frente da China no “ranking” econômico mundial. Agora, decorridos esses vinte anos, não há termo de comparação, de vez que a China, já em segundo lugar, e mesmo em primeiro em vários importantes segmentos, até o final da década estará disputando a liderança da economia mundial, como admite o próprio Departamento de Comércio dos Estados Unidos. Qual a razão do sucesso e que medidas foram tomadas? Dadas as evidentes semelhanças entre os dois gigantes emergentes – ambos com grande extensão territorial e enorme população – talvez seja oportuno o Governo Lula examinar a fundo as normas adotadas na China para eventual aproveitamento de algumas nas reformas a serem efetuadas no Brasil. Focalizando apenas o comércio exterior – na verdade um dos pilares básicos da revolução econômica chinesa, juntamente com a educação e a reforma agrária, sob contrato de responsabilidade – vale identificar as principais

providências no âmbito da exportação. Longe, em primeiro lugar, surge o conjunto de medidas específicas para atração de investimentos internacionais visando a exportação. Em contrapartida à isenção de tributos e da autorização para imediata remessa de lucros e dividendos, a empresa estrangeira compromete-se a exportar parte de sua produção (10 a 20%). O auspicioso resultado dessa política é que quase a metade da exportação chinesa corre por conta das multinacionais ali instaladas. Entre elas, um dos destaques é a americana Motorola, - uma das maiores investidoras, com US\$3,4 bilhões – que, em 2002, participou com US\$2 bilhões da pauta de exportação. Por seu turno, a francesa Carrefour – a maior cadeia varejista do país, com 28 supermercados – contribuiu com cerca de US\$1,5 bilhão, exportando produtos chineses com a sua marca. Aproveitando bem as vantagens naturais (mão-de-obra e matéria-prima, abundantes e baratas) bem como o leque de incentivos, algumas multinacionais preparam-se para participar mais ainda do programa chinês de exportação, que tem colocado vários produtos na liderança do mercado mundial, como eletrodomésticos, calçados, vestuário, brinquedos, entre outros. No setor de alta tecnologia, por força desses atrativos, realçados pela talentosa mão-de-obra local, cresce rapidamente a produção de semicondutores (“chips”) em que a China já é auto-suficiente. Concentradas nas cidades de Wuxi e Xangai trabalham incessantemente as fábricas das principais multinacionais do setor, as americanas Intel, Advanced, IBM e as japonesas Toshiba, Nec e Matsushita. Com a entrada em plena operação, em 2005, das doze fábricas em construção em Xangai, tornar-se-á a China também a maior exportadora desse rendoso item. No ano passado, superando os EUA, foi a China o país que mais recebeu capitais externos com o ingresso de US\$53 bilhões. Com esse valor, o total dos investimentos estrangeiros lá registrados já beira à astronômica cifra de um trilhão de dólares.

No início de 1999, em decorrência da crise asiática, o FMI e vários observadores econômicos (Alguns entre nós) pregavam a indispensável desvalorização da moeda da China e do Brasil, como forma das respectivas exportações competirem no mercado internacional. O Brasil, exagerando na dose – partindo para a maxi e o câmbio flutuante especulativo – nesses quatro anos aumentou os seus embarques em apenas 9%. Já a China, administrando moderadamente a taxa cambial (mantida a paridade US\$1/8.3 yuans) decidiu oferecer maior competitividade aos seus produtos reduzindo os respectivos custos internos. Foi estabelecida devolução automática, impreterivelmente por ocasião dos embarques, de todos os tributos – diretos, indiretos, municipais, provinciais e federais – recolhidos pelas empresas exportadoras. Só com esse esquema, a redução dos custos chegou a 20%.

De outra parte, foram agilizados os financiamentos, elevados os recursos do Banco de Exportação e Importação, oferecidos, sem qualquer discriminação, e com os mais baixos juros do mercado internacional. Outro importante item da cadeia logística da exportação a receber cuidados

especiais foram os portos. Com a abertura para o capital estrangeiro, inúmeros terminais privativos foram criados em cerca de mil portos fluviais e marítimos, novos e renovados. Os empreendimentos do setor portuário, inclusive para importação de equipamentos e financiamentos, gozam das mesmas vantagens concedidas à exportação. As dragagens são por conta do governo e não há licitações para arrendamento de áreas. Ao contrário do Brasil, onde os empresários despendem altas somas (que acabam onerando as exportações) nas licitações para terminais, na China, o governo oferece incentivos para redução do custo dos serviços. O principal beneficiário desse esquema é o primeiro bilionário chinês, Li Kashing, dono da Hutchison Port Holding, que possui terminais em vários portos e o maior deles em Hong Kong. Com todas essas vantagens, o custo da movimentação de embarque de um contêiner caiu para cerca de US\$60, a metade da média internacional e a terça parte do preço brasileiro. Encerrando esse conjunto de medidas, a promoção comercial no exterior passou também a receber redobrada atenção do governo chinês. Não só as embaixadas e consulados estão plenamente preparadas para dar assistência e cobertura aos exportadores chineses como o governo central e também os das Províncias promovem as inúmeras missões comerciais que, diariamente, percorrem os mercados mundiais. Antes da abertura, em 1978, as exportações chinesas limitavam-se a US\$9,7 bilhões, superadas pelas brasileiras, que chegavam a US\$12,6 bilhões. Trabalhando com seriedade, e aprimorando sempre o modelo acima enunciado, sem a necessidade da desvalorização da moeda, os chineses multiplicaram por mais de trinta vezes as suas exportações, encerrando 2002 com o total de US\$325 bilhões. Paralelamente, nesses 24 anos, as vendas externas brasileiras cresceram apenas cinco vezes, totalizando US\$60 bilhões no ano passado. Aliás, em 2002, enquanto as exportações brasileiras com toda a maxi e câmbio flutuante aumentavam apenas 3%, as chinesas subiam 22,3% registrando o melhor índice mundial.

14 CULINÁRIA

A variedade de ingredientes e modos de confecção dos pratos fazem da cozinha chinesa uma das mais ricas do mundo. Mais de 10 mil pratos, cerca de 20 cozinhas regionais diferentes. Num país imenso, com grandes diferenças climáticas e paisagísticas, no qual vivem centenas de milhões de pessoas, existe uma ampla variedade de pratos, dependentes de uma infinita gama de produtos.

A culinária chinesa nasceu com os primeiros povos que habitaram a região, há mais de 4 mil anos, e pouco perdeu de suas características. Veio mais a influenciar do que a ser influenciada. Está na origem, por exemplo, da cozinha japonesa e de muitos países do sudeste asiático, como Tailândia e Vietnã.

Os cozinheiros chineses souberam tirar proveito da inventividade e da versatilidade. Desenvolveram técnicas tão sutis de preparo e cozimento dos alimentos que transformaram sua cozinha em uma das mais refinadas do mundo. Foram milênios de dedicação que resultaram em pratos como o pato de Pequim, obra-prima da arte culinária. É próprio da cozinha chinesa manter e combinar o sabor dos ingredientes. As diferentes formas de corte também são comuns na culinária chinesa: cortar os alimentos em pequenos pedaços, por exemplo, facilita o uso dos tradicionais palitos.

Se considerarmos o fato de ser a cultura chinesa milenar, não nos espanta que já no século XIII da nossa era, se encontrem relatos da pródiga culinária deste país asiático. A fome, a pobreza e a guerra que marcaram a história do país da Grande Muralha fizeram os chineses deixar de lado tabus alimentares e aproveitar, literalmente, tudo o que pudesse ser levado à boca. Ao lado do arroz, da soja, da carne de porco, do peixe e de legumes, costumam aparecer assim iguarias exóticas ao paladar ocidental, como barbatana de tubarão, pênis de tigre, carne de cachorro e de gato, cobra, escorpião ou gafanhoto. Para os antigos chineses, dos meios rurais, habituados à períodos de carência alimentar, era natural a ingestão de carne de cachorro, bem como de insetos. Eram, no entanto, incapazes de comer bois, pois viam-nos como fiéis companheiros no campo.

Na confecção dos pratos para as classes populares entravam as miudezas, fígado, bofe, rim, intestinos ou estômago. A cozinha dos grandes banquetes e classes abastadas era mais rica e menos monótona do que a cozinha popular. O arroz, a carne de porco e o peixe salgado, que eram alimentos dos pobres, só figuravam acessoriamente na cozinha dos ricos. Em contrapartida, a galinha, o ganso, o carneiro, os mariscos e o peixe fresco de todas as espécies era dos alimentos que mais vezes se encontravam nas ementas dos restaurantes célebres.

Na época, os convivas utilizavam, tal como hoje, os pauzinhos e as colheres. Não havia facas na mesa porque toda a comida vinha cortada em bocados suficientemente pequenos para se poderem agarrar com os pauzinhos. Seria inconcebível, visto haver grande abundância de criados e estes serem muito baratos, que os convivas do banquete e até mesmo os clientes de um restaurante popular tivessem que cortar a carne.

A gastronomia chinesa assenta num fundo cultural com mais de 5.000 anos, estando nos seus primórdios intimamente ligada aos métodos curativos e remédios. Na China, a culinária é explorada pela medicina e também por manifestações religiosas, filosóficas, poéticas e até políticas. No receituário da culinária chinesa, contabilizam-se mais de 3 mil anos.

Ao preparar uma típica refeição chinesa, o cozinheiro costuma assim se nortear por vários princípios. O principal deles é o taoísta do yin e do yang, os dois opostos complementares. Na cozinha ou no salão, o importante é buscar equilíbrio entre aroma, temperatura, sabor, cor, textura e consistência dos alimentos. Na costumeira mesa redonda, onde tudo é disposto de uma só vez, costumam aparecer então sopa, arroz, pasta ou pão, verdura, carnes, aves ou pescados cozidos em diferentes técnicas. Um prato deve ser doce (yin) e o outro salgado (yang); um frio (yin) e o outro quente (yang); um macio (yin) e a outro crocante (yang). O quadro final é um banquete que atija todos os sentidos. Um bom prato chinês obedece a quatro "mandamentos": tem cor, perfume, paladar e apresentação esmerada.

Os chineses acreditam que a refeição deve ser uma experiência conjunta e traduzir a cooperação que existe entre os familiares e amigos. As pessoas servem-se umas às outras em pequenas porções e comem com palitinhos, os hashi, que, segundo os chineses, tornam a comida muito mais saborosa do que os tradicionais garfo e faca. Inclusive, não se usa faca à mesa. Os alimentos já chegam às travessas bem picadinhos, pois cortar e picar são tarefas exclusivas dos cozinheiros e auxiliares.

Os chineses também não gostam muito de beber enquanto comem, principalmente quando se trata de álcool; e nem de sobremesas. O chá verde ou o perfumado é a única bebida que costuma aparecer em uma refeição. Cabe à sopa limpar o paladar entre os sabores. Os doces, que são poucos, são servidos no meio ou no início da comilança.

A alma da cozinha chinesa repousa na agricultura. Um chinês nunca está longe da terra, já que a fome e o trabalho duro fazem parte de sua cultura desde os tempos mais remotos.

Ao lado do arroz, cultiva-se o trigo, que no norte do país vira finos macarrões, pastéis recheados, bolos e tortinhas. O grão de soja é outra maravilha. Consumido em toda parte, ganha a forma de queijo (o tofu, em japonês), leite, óleo, molho de soja (see yau), pasta e entra como ingrediente principal de muitas receitas. Os vegetais são poucos, mas muito bem aproveitados, nunca ausentes em uma refeição: acelga, brócolis, abobrinha e repolho chinês, broto de bambu, broto de feijão, pepino e cogumelos secos. Há pouquíssima variedade de frutas, que são, além do mais, caras. As frutas nativas são: laranja kinkan e lichia, loquat, mandarina, pêssego, kiwi, tangerina, damasco e melão de inverno.

Os peixes de água doce e salgada, frutos do mar e algas marinhas são consumidos em abundância e sua principal fonte de proteína animal. O peixe seco e salgado é um condimento largamente utilizado. Não há muita criação de animais de grande porte. O que prevalece são os

animais de pequeno porte, em especial o porco e o frango. Carnes de vitela, cordeiro e cabra são raridades introduzidas na culinária do norte do país pelos muçulmanos mongóis. Todas as partes do animal são aproveitadas, dos miúdos aos ossos. As carnes são normalmente secas e curadas, por falta de refrigeração, e chegam à mesa cortadas em pequenos pedaços e misturadas com vegetais.

Existem poucas ervas aromáticas. Mas a precisa e inventiva combinação delas resulta em temperos espetaculares, como o pó das cinco especiarias (anis-estrelado, fagara, cássia, semente de funcho e cravo-da-índia), o molho de soja, o see yau, e o hoisin. São utilizados com moderação: sal, vinagre de arroz, gengibre, coentro, alho, alho-poró, malagueta, cravo, casca de tangerina, semente de sésamo e anis-estrelado. Uma pitada de açúcar, presente em quase todos os pratos, realça o sabor dos ingredientes. As verduras em conserva também são utilizadas com frequência para dar sabor aos pratos, em especial às carnes.

15 CURIOSIDADES DA CHINA

No campo, enquanto os chineses passavam fome, no interior do governo os membros do partido gozavam de inúmeros privilégios, sempre protegidos por um forte esquema de segurança. Vem daí a malfadada tradição chinesa de burocracia, opressão e hábitos alimentares, digamos, no mínimo estranhos. De cachorros inteiros a patas de camelos (as de ursos foram proibidas), os chineses comem tudo o que tenha quatro pernas e não seja mesa, e que voe e não seja avião. No entanto por ser o BOI o animal que mais ajuda na lavoura, puxando o arado e a carroça, a maioria do povo chinês considera pecado comer sua carne.

Uma trágica herança dos tempos em que simplesmente não havia o que comer. Seus mercados de rua são verdadeiras feiras de horrores para os estômagos mais sensíveis. Mesmo assim, comer, seja lá o que for, tem um significado todo especial para eles. A tal ponto que a típica saudação de bom dia em mandarim significa, literalmente, uma pergunta: "Você já comeu hoje?".

Cobras, ervas, ratos, morcegos. Tudo cura na milenar medicina chinesa. Lagartos ressecados por exemplo, são bons para tosse comprida, pedra nos rins e até mesmo impotência.

Sozinha, a China tem duas vezes mais gente do que a Europa inteira. 1,2 bilhões de pessoas, este é o número estimado de habitantes (pessoas registradas) pelo último CENSO. Um em cada cinco habitantes do planeta vive na China, um quinto da população mundial. Se o mundo fosse uma única rua, um em cada quatro dos seus vizinhos seria chinês.

O sapo e a rã são símbolos de longevidade

Kwan-Kun: É a forma divinizada do general Kwan Yu dos Han de Shu, exemplo de bravura e fidelidade, espírito protetor cultuado desde o século VII e também conhecido como exterminador de demônios.

TIGRE, o protetor dos tesouros, século VII e também conhecido como exterminador de demônios. ELEFANTE, sinônimo de bons presságios e realização dos seus desejos.

Na tradição chinesa só existiam tartarugas fêmeas, que na falta dos machos se acasalavam com as serpentes, o que era considerado muito imoral.

A pantera é um animal raro na iconografia chinesa. O morcego é um símbolo de felicidade, já que seu nome, FU, é homófono do termo FU que significa riqueza.

De tempos em tempos, as autoridades chinesas anunciam uma nova campanha contra o crime, com execuções sumárias. Desde o início de abril de 2001, num período de dez dias, mais de 120 acusados de assassinato, estupro, roubo, corrupção, narcotráfico, formação de quadrilha e até crimes menores, como falsificação de documentos e emissão de cheques sem fundos, foram condenados à morte e a maioria executada no dia seguinte.

Em maio de 2001, 30.000 pessoas lotaram um estádio da importante província sulina Guangdong para acompanhar a execução de 28 condenados. Cada um recebeu um tiro na nuca e, como é praxe, a bala usada foi cobrada dos familiares do morto. Esse tipo de operação é uma tradição chinesa

O alvo preferencial da campanha de 2001 é o crime organizado, negócio lucrativo de extorsão, roubo de cargas e contrabando que acompanha o crescimento acelerado da economia e ganha espaço nos centros urbanos.

A primeira grande campanha para eliminar fisicamente os criminosos foi desencadeada em 1983 e resultou na morte de 10.000 pessoas. Em junho de 1996, os tribunais fizeram um mutirão para comemorar o dia internacional de luta contra drogas, condenando à morte 800 traficantes. A China sozinha, executa mais condenados que a soma dos 63 países que adotam a pena de morte. Entre 1990 e 1999 foram cumpridas 18.194 sentenças, o que dá uma média de cinco por dia. Um quarto dos crimes previstos no Código Penal é punido com a morte, incluindo delitos menores como envenenar gado ou difundir pornografia. A profusão de execuções decorre, em parte, das peculiaridades da justiça chinesa. Nos julgamentos, os princípios fundamentais do direito moderno são solenemente ignorados e não há tempo para formalidades jurídicas como argumentação de defesa ou coleta de provas. O advogado do réu é apontado dias antes do julgamento e seu trabalho,

após o veredicto, limita-se a um pedido formal de clemência, raramente aceito. Como qualquer pessoa pode ficar presa até 3 meses sem acusação formal, o Judiciário Chinês pode prender parentes de um foragido, para que este seja forçado a se entregar.

China anuncia queda da criminalidade um ano antes da Olimpíada. Pequim: o índice de criminalidade da China caiu na primeira metade de 2007, anunciou em 14 de Agosto de 2007 uma autoridade oficial do país que dentro de um ano será sede dos jogos olímpicos de Pequim.

“Casos de crimes como assassinatos, roubos, incêndios e explosões que ameaçavam seriamente a sensação de segurança da população caíram bastante” disse o porta voz policial Wu Heping em entrevista coletiva.

Dados oficiais mostram que o numero de “incidentes de massa”chegaram a 23.000 em 2006, contra 74.000 registrados em 2004.Em 1994 foram 10.000 “incidentes de massa.

A China obcecada por manter a estabilidade de seu governo, lida com uma anunciada insatisfação popular intensificada por uma crescente desigualdade social, corrupção no governo, poluição e apropriação de terras sem a devida compensação na zona rural do país.

Regras de etiqueta variam de acordo com a cultura dos povos. Na China, não arrotar na mesa, logo após a comida, significa que não se apreciou a refeição. No Brasil, manda a cortesia que se abra a porta para o visitante sair. Na Europa Oriental, seria descortesia. Teria o significado de "ponha-se na rua".

As autoridades chinesas estão alarmadas com o perigo de extinção das cobras no país. Além de ser considerado excelente petisco, são tidas como um afrodisíaco muito poderoso. Isso faz com que cerca de mil toneladas de serpentes sejam consumidas anualmente. Detalhe: uma época deu um surto de leptospirose por causa do consumo de cobras.

Na China antiga, as meninas eram tão indesejadas nas classes pobres que não recebiam nome ao nascer. Até se tornarem adultas, eram conhecidas apenas pelo lugar que ocupavam na lista numerada de nascimentos: a primeira, a segunda, a terceira filha, etc.

19 CONCLUSÃO

Com este trabalho tivemos uma ampla visão da China onde podemos ver seus vários aspectos, como história, política, economia, cultura, entre outros. País de uma cultura riquíssima e bem diferente da nossa.